

## Consumo, descarte, catação e reciclagem: notas sobre design e multiculturalismo

Maria Cecilia Loschiavo dos Santos

### RESUMO

O presente artigo pretende re-pensar o boom contemporâneo do design e a problemática do descarte do produto pós-consumo à luz dos estudos críticos. Ele irá reconsiderar as dimensões pluralísticas, interdisciplinares e multi-culturais na dialética do consumo-descarte e reciclagem.

**ABSTRACT** This paper seeks to re-think the current boom of design and the problem of post-consumption discarded products in the context of critical studies. It will reconsider the pluralistic, interdisciplinary and multi-cultural dimensions of the dialectic of consumption-discard and recycle.

### Design duas tensões: banalização e descarte

O design vem adquirindo crescente reconhecimento na sociedade contemporânea, ele está no centro das atenções. O debate sobre o design vem também se ampliando e se articulando em várias frentes, no âmbito das práticas profissionais, da educação, da pesquisa, bem como no âmbito da cultura e da estética.

Vivemos, sem sombra de dúvida, um momento estimulante, o número de publicações nacionais e internacionais na área do design vem crescendo, aumentam as pesquisas, multiplicam-se os congressos dedicados ao tema. No século XX, o design povoou o mundo com objetos. Passamos de uma sociedade da escassez para a sociedade da abundância e do consumo hedonístico. O que fazer com a abundância? Como manejar o descarte dos produtos criados por todas as categorias do design? Haveria uma resposta do design a essas questões? . Em qualquer dimensão, as respostas requerem a compreensão do processo de re-materialização que ocorre no âmbito das culturas do desemprego e da pobreza.

O design acompanha nossas vidas dos interiores dos espaços de trabalho, aos interiores privados da vida doméstica, ou dos espaços públicos de lazer e serviços. Essa presença constante do design lhe confere um status especial. O que é esse status especial? É o design que insere todos os produtos e objetos que nos circundam, no

âmbito da civilização, o design é um agente de mudanças e, nesse sentido, ele participa da criação de nossa civilização, ele é pois civilizatório. O que é civilização? Idéia complexa e fundante que se refere ao conjunto das criações humanas, valendo destacar que as criações materiais, produzidas pelo design, integram também essa esfera, o que nos possibilita entender o mundo como projeto, como design, como afirmou o designer alemão Otl Aicher.

Da sociedade industrial do século vinte à sociedade do conhecimento de nossos dias houve uma significativa mudança nos rumos da cultura material e conseqüentemente no papel do design. No limiar desse novo século, os questionamentos apontam em direção à crise da cultura e fala-se da morte da civilização, nesse contexto o design se insere, indo muito além da criação de objetos funcionais, da mera capacidade de instrumentar a competitividade entre produtos industriais, para colocar-se em um outro patamar.

Atualmente estamos acompanhando o surgimento de novos métodos do design, que deixaram de se basear exclusivamente no trabalho individual para enfatizar trabalhos em equipe, valorizando o espírito de cooperação flexível entre os diversos campos de conhecimento e a integração com outras áreas de conhecimento, como as ciências, a tecnologia, o gerenciamento, a cultura, as artes, entre outras. Etimologicamente, na língua inglesa, design significa conceber/projetar – configurar/formar e em latim, significa designare -designar/desenhar. Design indica o trânsito da idéia para a forma e esse percurso entre a idéia e a forma é complexo e integra vários aspectos – tecnológicos, sociais, culturais, econômicos, daí a necessidade de desenvolvermos uma compreensão integradora e interdisciplinar do design.

Porém, ao mesmo tempo em que o design conquistou essa extraordinária evidência, está em curso também um processo devastador de incompreensão e banalização da palavra design. O uso indiscriminado desta palavra provocou a negação do design como agente de mudança e esse é o principal conceito que devemos levar em conta.

Mas o que é esse processo de banalização do design? Visando esclarecer este fenômeno, é oportuno reproduzir aqui as palavras e o pensamento de um autor que, com excelência, dedicou toda a sua vida à prática e à teoria do design: Tomas Maldonado.

Diz ele: "A verdade sobre o assunto, é que a palavra design não é mais confiável. Embora ela seja usada e certamente abusada em quase todos os lugares, essa palavra é tão vaga que se tornou mais e mais irritante, dia a dia. Como ela é aplicada para responder a necessidades o designer, o estilista de moda, o cientista, o filósofo, o gerente, o político, o programador, o administrador – a palavra perdeu o seu

sentido de especificidade.” (MALDONADO, Tomas. Design plus Research, Opening Lecture, Milan, 2000).

O que é essa banalização? Maldonado adverte que esse processo de banalização não é apenas uma questão do léxico. Segundo ele, trata-se de uma indeterminação, que parece ser o principal obstáculo para a definição do design como disciplina.

Essa banalização e indeterminação implicam na identificação do design exclusivamente com os apelos formais dos produtos, da moda. Para Maldonado, esse processo provoca efeitos devastadores pois “quando há falta de definição, nenhuma ação coerente é possível”.

Creio que a banalização, a indeterminação, o uso indiscriminado da palavra design implicam na negação do design como agente de mudança e é esse conceito que considero definidor para o paradigma do design. Sobretudo no atual momento, num contexto de pós-industrialização e hiper-consumo, onde todos os produtos parecem já terem sido criados e produzidos, onde coexiste o abismo talvez insuperável entre a riqueza e a pobreza absoluta. É nesse cenário que se coloca um outro impasse enfrentado pelo design: a questão do descarte pós-uso do produto industrial.

Criar estratégias para o descarte, para a re-materialização e para a reciclagem constitui-se num desafio significativo para a atuação do design como agente de transformação, promoção de novos estilos de vida, principalmente diante da aguda crise ambiental que estamos vivendo.

Na dinâmica da re-materialização, coloca-se a figura dos despossuídos que, movidos pela necessidade de sobreviver, contribuem em várias operações da reciclagem. A participação dos moradores de rua, dos catadores de recicláveis nessa dialética do descarte-catação-reciclagem reveste-se de um importante significado por introduzir um aspecto de alteridade em vista da cultura dominante, no âmbito do espaço público metropolitano.

A inserção da cultura da pobreza nos espaços da metrópole contemporânea, constitui-se em um indicador importante da mestiçagem cultural, signo da metamorfose das sociedades pós-modernas. Essa cultura manifesta as relações entre design, sustentabilidade e pobreza urbana, através das práticas dos moradores de rua, dos catadores de recicláveis e da classe global de miseráveis, a “surplus humanity”, que não têm condições existenciais de subsistência como afirmou Mike Davis, em seu brilhante livro Planet of Slums.

Na própria sociedade brasileira podemos apontar um fenômeno emblemático da dialética do consumo-descarte-catação e reciclagem. Aqui, o impacto diabólico do neoliberalismo recrudescer sobremaneira a polarização entre a carência e o privilégio, bem como exacerbou a exclusão econômica e sócio-política das cama-

das populares. Sem emprego, um número cada vez maior de despossuídos vive espalhado nos mocós das cidades de plástico e de papelão. Eles constituem o mais visível índice da desigualdade e polarização social em nosso país. Para se manter viva, essa população criou uma economia espontânea, que re-utiliza os resíduos descartados nas cidades brasileiras, trata-se de uma forma de auto-emprego e auto-geração de renda, constituindo a economia solidária (Singer 2002, 2005) baseada na igualdade, democracia, auto-gestão. Assim surgiu o Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis, que contribui de forma expressiva na redução do custo de operação dos aterros sanitários e da coleta convencional de lixo, como também na redução de custos de energia e matérias primas através do aproveitamento de resíduos sólidos, além da expansão nas atividades e práticas de reciclagem de materiais.

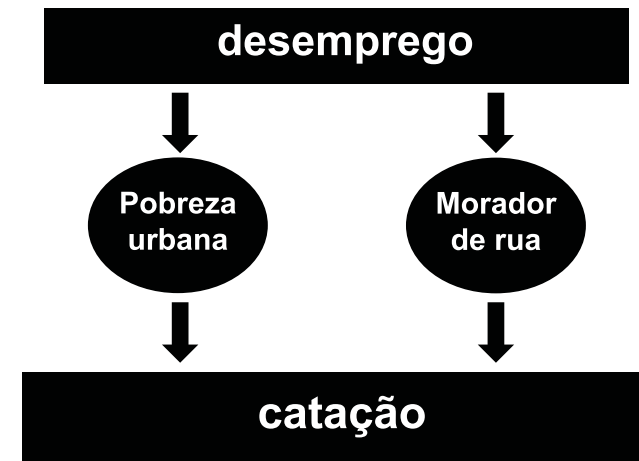


Figura 1 -Catação: uma economia espontaneamente criada

Como re-pensar esses resíduos, que re-entram em circulação pelas mãos infatigáveis desses arqueólogos da contemporaneidade, eles próprios descartados de nossa sociedade? Como promover políticas públicas ambientais e sociais que reconheçam a participação dos catadores nos processos de coleta e de reciclagem? Como desenvolver uma indústria ambiental e um serviço público inovadores no âmbito da produção e disposição de resíduos? Este é um campo que apresenta grande potencial para a atuação do design e do designer promovendo avanço significativo para essas atividades.

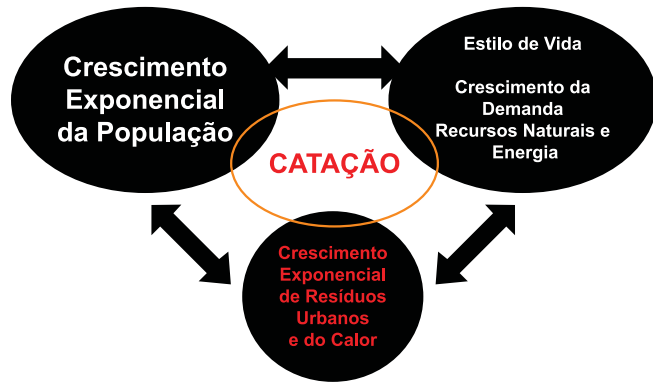


Figura 2. A inserção dos catadores



Figura 3. Cemitério de Automóveis em São Paulo, foto Ken Straiton

Essa oportunidade possibilitaria uma prática do design para além do processo devastador e do espetáculo público de banalização da palavra, no sentido de “uma nova conceituação e uma ética do desenho industrial no Brasil”, como propugnou Aloísio Magalhães. São muitas as possibilidades, porém todas elas requerem uma reavaliação de alguns aspectos do design.

### O multiculturalismo e o design além do impasse

Atravessado pelos impasses da banalização e do descarte, o campo do design clama por uma re-avaliação de alguns de seus aspectos cruciais: como o design foi valorizado em nossa cultura? Qual o sistema de valorização que estabelecemos para o design? Qual o status que nós atribuímos ao designer?

Freqüentemente ao se tratar da inserção do design em nossa cultura, verifica-se a preponderância da atuação individual dos designers que

se notabilizaram pelos produtos que criaram, dentro da restrita lógica do mercado. Alguns críticos do design referem-se a esses profissionais como os designers estrelas. O resultado desta atitude tem sido uma valorização exagerada a esses profissionais notáveis, que acaba provocando a compreensão do design restrita a objetos de luxo, para o consumo de poucos.

Mais do que nunca a palavra design ganha um sentido muito próximo, quase um sinônimo a luxo e a alto poder aquisitivo. Essa compreensão restrita do design repercutiu fortemente numa visão autoral da história do design, bem como favoreceu discursos sobre a identidade cultural do design, equivocados e distorcidos. No caso da identidade cultural brasileira, esse processo gerou a imagem exótica de um Brasil tropical, à la Carmem Miranda, tão ao gosto da cultura caricata de aeroporto. Essa concepção acaba obliterando a diversidade, o hibridismo e a mestiçagem cultural dos grupos sociais e étnicos que deram origem à formação cultural de nosso país. Na sociedade contemporânea, a dialética do descarte e da reciclagem, a relação do abandono e da recuperação nos propiciam uma reconsideração a respeito da separação entre o design do luxo, autoral e fetichizado e o design vernacular, ordinário e comum. A morte aparente dos objetos consumidos, descartados e deteriorados coletados e recuperados pelos despossuídos nos convida a uma reflexão sobre a alteridade. Ora, falar da alteridade é falar da diferença, e do reconhecimento do diferente e das fronteiras.

O ritual cotidiano da deposição/descarte, coleta/recuperação e reciclagem que acontece no espaço público das metrópoles contemporâneas nos faz re-pensar os impasses do design. Esse ato público manifesta uma convergência significativa do design, das questões ambientais, sociais e da pobreza urbana, forçando a emergência de uma consciência sobre o drama humano dessas populações, mais do que isso esse fenômeno nos indica que em nossa sociedade há um descarte mais sujo, inquietante e perverso, capaz de devastar irreversivelmente a civilização: o descarte de seres humanos.

O design necessita de uma revisão e a pré-condição para tal é a reconsideração de seus aspectos culturais, na pluralidade dos diferentes universos culturais. A cultura, muitas vezes é compreendida de forma monolítica e completa. Mas, como afirma Boaventura de Souza Santos, todas as culturas são incompletas e “a incompletude provém da própria existência de uma pluralidade de culturas, pois se cada cultura fosse tão completa como se julga, existiria uma só cultura. A idéia de completude está na origem de um excesso de sentido de que parecem enfermar todas as culturas e é por isso que a incompletude é mais perceptível do exterior, a partir da perspectiva

de uma outra cultura”<sup>26</sup>. Este autor amplia a discussão sobre o dilema da completude cultural e assevera que: “se uma cultura se considera inabalavelmente completa não tem nenhum interesse em envolver-se em diálogos interculturais; se, pelo contrário, admite, como hipótese, a incompletude que outras culturas lhe atribuem e aceita o diálogo, perde confiança cultural, torna-se vulnerável e corre o risco de ser objecto de conquista. Por definição, não há saídas fáceis para este dilema, mas também não penso que ele seja insuperável”<sup>27</sup>.

Entre outros aspectos, a cultura da pobreza nos propicia o reconhecimento dessa dimensão da incompletude e nos convida ao diálogo intercultural. Desenvolvendo esta idéia do diálogo intercultural, Souza Santos indica que o ponto de partida para tal é “o momento de frustração ou de descontentamento com a cultura a que pertencemos, um sentimento, por vezes difuso, de que a nossa cultura não fornece respostas satisfatórias para todas as nossas questões, perplexidades ou aspirações”.

Nosso descontentamento se estabelece no seio da própria vida cotidiana. Diante do apetite insaciável de nossa cultura pós-industrial por recursos e energia, que aumenta exponencialmente à medida que aumenta o número de habitantes do planeta; diante do impacto ambiental negativo dos produtos, do lixo, nossos estilos de vida se tornaram um problema ambiental aterrorizador. Sobre nós paira uma situação crítica, que põe em risco a continuidade do bem-estar e da própria vida social e biológica. A superação desta crise requer o diálogo entre culturas e a participação de uma série de agentes, dentre os quais estão também os designers, os arquitetos, os artistas, os criadores.

Nesta sociedade, onde o novo devora o velho e o expele vertiginosamente, o design poderá, propor novos paradigmas, não apenas referentes à recepção e à apreciação estética do reciclável e dos materiais transmutados. Essa mudança paradigmática ressalta a clássica afirmação do professor Tony Fry: “O design vem antes daquilo que se faz e prossegue depois que termina. A implicação é que a atuação do design envolve não apenas quem desenha, mas também quem é desenhado”<sup>28</sup>.

26 SANTOS, Boaventura de Sousa. A gramática do tempo – para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2006.

27 Ibidem.

28 FRY, Tony. Remakings. Ecology, Design, Philosophy. Sydney, Envirobook, 1994.

## Nota Biográfica

### Maria Cecilia Loschiavo dos Santos

Doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo (1993), mestre em Filosofia pela Universidade de São Paulo (1985), graduação em Licenciatura em Filosofia pela Universidade de São Paulo (1977), graduação em Filosofia pela Universidade de São Paulo (1976). É membro do corpo docente permanente da Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura, onde defendeu tese de livre-docência (2003). É credenciada no programa de pós-graduação da FAU, no PROCAM e no Programa de Estética e História da Arte, todos da USP. Dá aulas, orienta pesquisas em todos os níveis -desde a iniciação científica até pós-doutorado. Tem experiência na área de Design, com ênfase nos seguintes temas: design, design para a sustentabilidade, design brasileiro, design social, exclusão sócio espacial, moradores de rua, catadores de recicláveis. É bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. É vice-coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa -COEP da Faculdade de Saúde Pública da USP. É assessora científica das principais agências de fomento de pesquisa brasileiras. [www.closchiavo.pro.br](http://www.closchiavo.pro.br)